



Linguística, Letras e Artes

**POESIA EM MOVIMENTO: ESCANSÃO GRÁFICA
E ANÁLISE DAS “METAMORFOSES” DE OVÍDIO**

Laís Pereira Soares Santos

**Orientação: Renata Cazarini de Freitas
(Letras/UFF). Departamento de Letras Clássicas
e Vernáculas (GLC/UFF)**

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa apresentado neste resumo tem como *corpus* de investigação excerto das “*Metamorfoses*” do poeta latino Publius Ovidius Naso (43 AEC-17 EC), conhecido como Ovídio. O poema tem mais de 12 mil versos hexamétricos, divididos em 15 livros, que apresentam uma série de mitos sobre transformações, e continua a ser uma das fontes mais importantes da literatura da Antiguidade.

Propõe-se uma nova tradução e leitura dos mitos etiológicos selecionados, pondo foco na análise de índices de movimento na poesia ovidiana, bem como marcadores de aspectos visuais, encontrando exemplos consistentes da poesia cinética nesta obra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depois de ter assumido o projeto em andamento, em substituição à bolsista anterior pela FAPERJ, a pesquisadora iniciante traduziu, ao longo de um semestre, 145 versos, direto do texto latino estabelecido por Richard J. Tarrant (2004), acerca do mito etiológico da aranha. Foi apresentado em prosa recortada justalinear o excerto sobre Aracne (Livro VI, versos 1-145), que narra a disputa entre a deusa Minerva e a jovem humana quanto à primazia na arte da tecelagem.

A discente, no processo da tradução, preocupou-se com evidenciar a natureza

visual da obra ovidiana através de técnicas literárias que ditam as mudanças de ritmo, o espaço na narrativa e as características formais da língua latina que exprimem a ideia de movimento, bem como em preservar as propriedades poéticas do texto traduzido. O excerto abaixo (VI.139-145) traz algumas das análises provisórias amparadas nas leituras introdutórias.

*post ea discedens sucis Hecateidos herbae
sparsit, et extemplo tristi medicamine tactae
defluxere comae, cum quis et naris et*

[aures,

fitque caput minimum, toto quoque corpore

[parua est;

in latere exiles digiti pro cruribus haerent,

cetera uenter habet, de quo tamen illa

[remittit

stamen et antiquas exercet aranea telas.

Depois disso, se afastando, espargiu o suco da erva de Hécate

e, de imediato, ao toque da droga terrível, os cabelos de Aracne caíram e, com eles, o nariz e as orelhas,

e a cabeça torna-se mínima, assim como todo o corpo;

na lateral, finos dedos se agarram no lugar das pernas.

O resto é estômago, do qual, porém, ela lança

o fio e tece as antigas teias já como aranha.

A transformação de Aracne em aranha é uma punição da deusa, após a humana não só a desafiar, como também denunciar os crimes dos deuses em sua arte.

O autor Italo Calvino, em “Ovídio e a contiguidade universal” (CALVINO, 2007, p. 31-42), propõe duas perspectivas opostas que movimentam a discussão: 1) infundir temor sacro; 2) incitar a irreverência e a relatividade moral. A primeira é sobre a impotência de Aracne diante de Minerva, apesar de tecer bem e seguir convicta, ela não consegue evitar a tragédia para si, servindo de exemplo para outros humanos. Já a segunda é provocada pela arte da humana, que incita no leitor a reflexão acerca das ações dos deuses, o que promove o desacato.

Fazendo uma análise, agora, focada no movimento presente na poesia, Augusto de Campos, no artigo “*metamorfoses das metamorfoses*” (CAMPOS, 2009, p. 191-198), fala sobre o poema estar próximo da noção moderna de narrativa e do espírito redutor e plástico do olho cinematógrafo devido à linguagem sintética e à natureza de movimento perpétuo dos acontecimentos.

É possível observar essa proximidade nas etapas da metamorfose no verso 140: caem os cabelos, o nariz, as orelhas, e essas ocorrências são apresentadas de maneira concisa. A forma como essa cena é montada se encaixa na colocação de Calvino, ainda em “Ovídio e a contiguidade universal”, ao notar como uma imagem, concebida na mente do leitor, sobrepõe-se a outra a partir dos estímulos visuais presentes em cada verso. Por exemplo, no verso 143, o poeta utiliza as propriedades

materiais para projetar a metamorfose: aproveita o conhecimento prévio do leitor sobre a função das pernas humanas e suas características físicas para que, ao substituí-las por *finos dedos*, a imagem da aranha seja compreendida com êxito.

CONCLUSÕES

Como a pesquisa se encontra em andamento, a graduanda espera a renovação da bolsa FAPERJ. Os primeiros meses da pesquisa voltaram-se às leituras introdutórias, seguidas da tradução do primeiro excerto. A expectativa agora é ampliar a base teórica, fazer a tradução do mito de Eco e Narciso e incorporar novas discussões à análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Italo. Ovídio e a contiguidade universal. In. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 31-42.

CAMPOS, Augusto de. *Metamorfoses das Metamorfoses*. In. **Verso, reverso, controverso**. 2ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 191-198.

OVÍDIO. **P. Ovidi Nasonis Metamorphoses**: Recognouit breuique adnotatione critica instruxit R. J. Tarrant. Oxford (UK): Oxford University Press, 2004.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias; apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.



Grande área do conhecimento: Linguística

Título do Projeto: Orações hipotáticas instanciadas por [a respeito de]: um estudo funcional centrado no uso

Autores: Anna Carolina Ribeiro de Almeida e Ivo da Costa do Rosário

Laboratório: Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa insere-se na agenda de investigações do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO-UFF), que busca desenvolver trabalhos com base na perspectiva da Linguística Funcional, investigando o papel, o uso e a trajetória dos conectivos, bem como os processos de conexão de orações compostos pelo esquema [X de]_{connect} na língua portuguesa. A escolha deste tema se deve à necessidade de aprofundar a compreensão do conector *a respeito de* e suas relações com as orações hipotáticas no contexto da gramática do português. Partimos da hipótese de que o conector *a respeito de* é produtivo na língua portuguesa ao introduzir orações hipotáticas de assunto. Essa expectativa orientará nossa análise dos dados coletados e contribuirá para uma melhor compreensão desse fenômeno linguístico. Vejamos um dado do fenômeno em estudo:

(01) Confesso a vocês que não foi fácil. Eu nunca li nada a respeito de confeitar bolos nem usar massa americana, nem sou prendada em esse tipo de coisa. Mas com amor a coisa vai tomando forma...
(<http://estimulandomeusfilhos.blogspot.com/2013/08/comemorando-o-aniversario-de-maria.html>)

No dado (01), é possível observar o conector *a respeito de* no âmbito da conexão de orações não finitas do português. Devido ao seu caráter híbrido, nota-se a presença de verbo na forma nominal infinitiva após o conector: *confeitar*. O conector *a respeito de* introduz, de forma posposta à matriz, orações hipotáticas de assunto. A partir da análise de exemplos semelhantes, o objetivo desta pesquisa é fornecer subsídios importantes para uma compreensão mais abrangente e precisa desse conector, enriquecendo os estudos linguísticos, especialmente no campo da sintaxe do português.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A investigação foi realizada por meio de uma abordagem sincrônica que combinou análises teóricas e empíricas. Inicialmente, foi conduzido um levantamento bibliográfico sobre o uso do conector *a respeito de* em estudos linguísticos já existentes. Posteriormente, foram coletados dados a partir de um *corpus* sincrônico disponível no site <http://www.corpusdoportugues.org/xp.asp>. A coleta foi restrita aos dados do século XXI, obtidos nas interfaces NOW e Web/Dialects.

Foram encontradas 113 (cento e treze) ocorrências do conector *a respeito de* no nível da conexão de orações a partir de 15.000 dados pesquisados, o que representa aproximadamente 0,75% de dados oracionais.

A microconstrução *a respeito de*, em termos funcionais, além da função canônica de locução prepositiva, cumpre a função de conectar orações não finitas. A carga semântica do conector exprime a ideia de assunto em todos os dados obtidos, tendo papel semelhante a “sobre” ou “acerca”, atuando como uma espécie de variação.

A partir do rastreamento da palavra *respeito* em dicionários latinos (SARAIVA, 2006; MONIZ, 2001), nota-se que seu significado original (*respecto*) - “olhar muitas vezes para trás”; “ter os olhos pregados em”; “prestar atenção a” - ainda está presente de certa forma nas construções com *a respeito de*, se considerarmos que o conector faz referência a informações dadas anteriormente no texto ou fora dele:

(02) Em uma entrevista para o programa da Eliana, ela falou a respeito de ser adotiva: "Sempre tive orgulho, eu fui um presente para o meu pai". (<https://www.otvfoco.com.br/filha-de-silvio-santos-expoe-registro-de-40-anos-atras-foto-viraliza-e-aparencia-do-apresentador-cao/>)

No dado (02), é possível observar que a informação contida no enunciado é uma referência exofórica, já que não está no texto. O fato de a entrevistada ser filha adotiva de

alguém deve ser conhecido de antemão para saber qual é o assunto dito pelo sujeito da oração. Dessa forma, podemos nos ater ao assunto em questão e “prestar atenção” no que for dito a partir disso, ou ainda, “olhar para trás” e rememorar o que já era conhecido. É interessante verificar também que, no mesmo exemplo, temos a presença da microconstrução *a respeito de* funcionando como preposição complexa, conectando a oração “Ele fez uns questionamentos” ao sintagma nominal “estado civil dela”. Isso reitera que o conector é um elemento híbrido, pois atua no âmbito da conexão de sintagmas nominais e no âmbito da conexão de orações, possuindo fronteiras difusas. Daí sua gradiência.

De fato, é um comportamento recorrente o conector *a respeito de* introduzir na oração algo previamente conhecido, desencadeando, assim, uma espécie de referência anafórica - quando retoma algo já dito no próprio texto - ou uma sentença exofórica - quando é uma informação de fora do texto, porém previamente conhecida. Desse modo, ainda que de maneira esmaecida, se mantém o sentido primário da palavra *respeito*, pois quando falamos a respeito de algo, estamos também olhando novamente para aquele assunto, olhando para trás, para algo que já aconteceu ou algum assunto já dito. Daí a relação icônica entre visão (noção mais concreta por ser um dos sentidos do ser humano) e assunto (noção mais abstrata, evidenciando a trajetória unidirecional de mudança, do concreto para o abstrato).

O novo sentido funcional de *a respeito de* advém da neoanálise, posto que ele deixa de

ser visto como preposição (a) + substantivo abstrato (respeito) + preposição (de) e passa a ser reconhecido como um conector hipotático de assunto. Já a analogia é responsável por criar novos conectores a partir do ponto de vista da forma construcional, ou seja, a partir do esquema abstrato [X de]_{connect}.

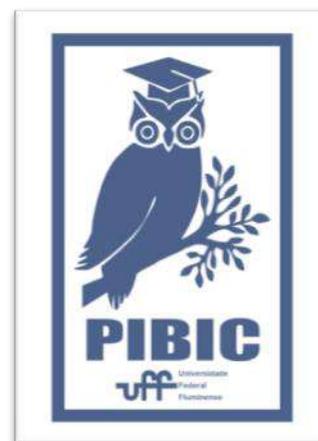
CONCLUSÕES:

Ao longo desta pesquisa, em conformidade com a abordagem teórico-metodológica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), investigamos a multifuncionalidade do conector *a respeito de* na língua portuguesa, com foco especial para sua capacidade de introduzir orações hipotáticas de assunto. Por meio da pesquisa, examinamos como esse conector vai além de sua função prepositiva.

Observamos que a natureza híbrida do conector *a respeito de* o torna uma peça versátil na estrutura da língua portuguesa. Embora sua forma e função sugiram traços de uma locução prepositiva, sua capacidade de conectar orações evidencia uma transição em andamento, característica recorrente em línguas vivas e dinâmicas como o português. Esse comportamento elástico desafia classificações rígidas e ressalta a importância de adotar abordagens teóricas que se adaptem à natureza mutável e complexa da linguagem.

AGRADECIMENTOS:

Ao CNPq, pela concessão da bolsa
Ao CCO, pelo apoio dispensado na pesquisa
À UFF, pela acolhida





A HOSTILIDADE COMO MECANISMO DE EXCLUSÃO DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NA *BELLE ÉPOQUE* CARIOCA

Milena Lima Richter (FAPERJ)

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de Iniciação Científica, orientada pela Prof.^a Dr.^a Anna Faedrich, com bolsa FAPERJ, investiga os processos de hostilidade realizados para com as escritoras do Rio de Janeiro, pertencentes ao período da *belle époque*. Para a realização da pesquisa, ainda em andamento, estão sendo investigados os paratextos textuais (GENETTE, 2009) presentes em edições originais de livros publicados por tais autoras, além de registros da imprensa periódica da época, em que essas escritoras foram mencionadas publicamente. Dessa maneira, a proposta da pesquisa foi a de dar continuidade à construção de um repertório de exclusão das escritoras oitocentistas, com o intuito de investigar os casos de hostilização de sua escrita, tanto por parte de outros homens quanto por parte delas mesmas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi desempenhada a tarefa de busca e análise de versões em *PDF* de edições de obras literárias publicadas por escritoras femininas da *belle époque* carioca entre o período do final do século XIX e início do século XX. A partir da construção de um inventário, contendo algumas das primeiras edições dessas obras, foi registrada a presença de paratextos (dedicatórias, epígrafes, prefácios, prólogos e posfácios), para que pudessem ser analisados os processos de hostilidade realizados para com as autoras femininas.

Na maioria dos casos, estes paratextos foram escritos por editores masculinos, convidados pelas escritoras para escreverem sobre a obra, de forma que pudesse agregar maior legitimidade ao seu trabalho, ou eram escritos por elas mesmas, como uma forma de apresentarem seus escritos ao leitor. Em algumas edições, também foram constatados e analisados registros da atuação literária e cultural feminina na imprensa periódica, pois continham trechos de críticas publicadas em periódicos cariocas da época, cartas, trechos de discursos, entre outros.

Os processos de hostilização realizados por parte de editores, jornalistas e escritores masculinos ocorreram através de diferentes estratégias de legitimação do poder masculino, em que foi possível constatar que, apesar de constantes, poderiam passar de forma despercebida por um leitor mais desatento, pois são desempenhadas no campo semântico da sutileza. Em boa parte dos casos, os autores teceram infinitos elogios ao trabalho da escritora, contudo, para legitimar o quanto eram autoras de valor, menosprezaram o trabalho de outras escritoras, além de reforçarem a imagem de que a escrita feminina é delicada, pura, recatada e de baixa qualidade estética. Para além desta estratégia, também foram frequentes os casos de elogios que

enalteciam o trabalho das autoras chamando sua escrita de “masculina” ou através de excessivas menções a autores masculinos quando o verdadeiro foco do paratexto deveria ser discorrer sobre a escritora feminina e sua obra.

Dentre a hostilização feita pelas próprias autoras de suas obras, foram encontrados casos em que as escritoras escreviam prefácios apresentando suas obras com uma postura de timidez, pedindo benevolência ao leitor para que perdoasse a sua linguagem, e referindo-se a sua própria obra como um livro pobre, sem prospecções de sucesso. Esta humildade era reforçada positivamente pela imprensa masculina, que por vezes teceu elogios às autoras modestas que não possuíam aspirações à fama e reconhecimento. Isso posto, muitas escritoras da época assumiram uma posição de auto hostilização pois não eram incentivadas a enxergarem-se como merecedoras daquele espaço de publicação.

CONCLUSÕES

A partir das investigações desenvolvidas, é notório que as escritoras femininas analisadas, em seu período de atuação, criavam, escreviam, publicavam e eram assunto de periódicos, discursos, correspondências e do povo. Não foram poucos os casos em que suas habilidades de escrita e obras foram elogiadas e até mesmo equiparadas a de grandes escritores masculinos. Entretanto, é notório que o caminho trilhado por elas atravessou percalços que dizem respeito à estrutura sexista da sociedade e as estratégias de silenciamento de suas vozes podem ser entendidas como uma das principais razões para que poucas escritoras femininas brasileiras sejam conhecidas, estudadas e lidas atualmente. Portanto, é necessário que os resgates da memória dessas mulheres sejam cada vez mais frequentes, para que a história da literatura nacional possa ser, de forma gradual, reescrita, e suas obras possam inspirar as novas gerações de mulheres escritoras que existem e que virão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

FAEDRICH, Anna. *Escritoras silenciadas: Narcisa Amália, Júlia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres*. Rio de Janeiro: Macabéa, Fundação Biblioteca Nacional, 2022.

FAEDRICH, Anna. *Memória e amnésia sexista: repertório de exclusão das escritoras oitocentistas*. Letrônica, v. 11, p. s164-s177, 2018.

GENETTE, Gérard. *Paratextos textuais*. Tradução Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GERDA, Lerner. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012.



Grande área do conhecimento: Linguística

Título do Projeto O PENSAMENTO LINGUÍSTICO DE CARL FR. PH. VON MARTIUS (1794-1868) À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA: REISE IN BRASILIEN (VIAGEM AO BRASIL, 1817)

Autores Nathália Jeronymo Barbosa e Leonardo Ferreira Kaltner

Departamento/Unidade/Laboratório INSTITUTO DE LETRAS/ DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS/ GRUPO DE PESQUISAS FILOGIA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E LÍNGUAS FORMADORAS DA CULTURA NACIONAL(FILIC/CNPQ/UFF)

INTRODUÇÃO: O presente projeto de pesquisa de iniciação científica constituiu-se em uma investigação inicial para análise linguística e filológica da obra *Reise in Brasilien* (Viagem ao Brasil), de 1817, do naturalista bávaro Dr. med. Carl Fr. Ph. von Martius (1794-1868). Nossa leitura interpretativa da obra se desenvolveu pela abordagem teórica da disciplina de Historiografia Linguística, um campo teórico que dialoga com a História das Ideias Linguísticas, cujos principais expoentes são os historiadores da Linguística Sylvain Auroux, o filólogo Konrad Koerner e o linguista Pierre Swiggers. Já no Brasil, Cristina Altman e o círculo acadêmico que constitui o GT da Anpoll de Historiografia da Linguística Brasileira foram os pioneiros na área. No Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFF há uma disciplina voltada ao tema e vinculada ao projeto. Nossa análise da edição original de 1817, traduzida ao português, cuja fonte foram edições digitalizadas, foi desenvolvida pela análise do contexto e pela metodologia da Filologia Românica e da Crítica Textual, na abordagem dos documentos. A obra *Reise in Brasilien* (Viagem ao Brasil) foi uma

das mais importantes obras de literatura de viagem do Brasil oitocentista e o objetivo do projeto foi contextualizar o pensamento linguístico do autor desta obra do século XIX, iniciando com a análise do prefácio e dos capítulos iniciais, além de sua biografia. O projeto foi executado no contexto do Grupo de Pesquisa 'Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional' (CNPq/UFF). Justificou-se a execução do projeto no corrente ano de 2023 também pelo fato de ser data próxima ao bicentenário da Independência, vinculada à Missão Austro-Alemã, expedição científica que percorreu o Brasil entre 1817 e 1820, da qual Carl F. P. von Martius tomou parte, tendo sido, portanto, o projeto uma reconsideração desta expedição científica, com uma análise de seus desdobramentos no Brasil da época.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A metodologia de pesquisa foi fundamentada pelo método filológico, sob critérios de Crítica Textual, exegese e hermenêutica da obra. Consistiu, inicialmente, na contextualização do

período do autor e da publicação da obra, tendo em vista a especificidade da biografia de Carl von Martius em sua vinculação ao Brasil oitocentista, em período anterior à Independência.

Para análise desse *corpus* textual específico averiguamos as fontes, escritas em alemão, e pelo livro *O pensamento linguístico de Anchieta e Carl von Martius: estudos historiográficos* (KALTNER, 2020), que serviu como uma das principais fontes teórica e metodológica.

O trabalho de análise e de transcrição resultou em uma maior percepção do contexto de produção da obra, publicada na Alemanha, fruto de pesquisa ocorrida entre 1817 e 1820 no território brasileiro.

A teoria da Historiografia Linguística serviu-nos para analisar o perfil intelectual de Carl von Martius nesse cenário de pesquisa linguística sobre as línguas indígenas brasileiras.

Assim, o ciclo metodológico de pesquisa consistiu na leitura da fonte primária, sua transcrição, estabelecimento de texto, e, por fim, análise, a partir do aparato teórico.

Na pesquisa foram lidos os referenciais teóricos sobre Historiografia Linguística, estando em destaque obras e textos selecionados de Pierre Swiggers e Konrad Koerner. O *corpus* de trabalho foi analisado em versão digital preliminarmente, tendo sido investigado o prefácio da obra.

Como resultado da pesquisa, estamos elaborando texto para apresentação em congresso acadêmico, a saber a Jornada Nacional de Linguística e Filologia, a ocorrer em novembro de 2023, na Universidade Federal Fluminense. Nessa sequência, os dados

coletados inicialmente foram reorganizados para apresentação na Agenda Acadêmica de 2023.

CONCLUSÕES:

Concluindo, pode-se evidenciar que nossa pesquisa se desenvolveu nesse período, atingindo o cronograma, inicialmente, proposto. O projeto concentrou-se, ao longo do ano, em leituras e atividades que se desenvolveram de forma interna na universidade. O tema que foi proposto e investigado seguiu o planejamento original. Há a possibilidade de continuidade da pesquisa na disciplina de Historiografia da Linguística como crédito avulso no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem.

Agradecimentos:

Agradecemos à Universidade Federal Fluminense, em virtude da bolsa concedida.



Linguística, Letras e Artes

Título do Projeto: Argumentação pelo *Ethos* em possíveis golpes via e-mail: um olhar pela Linguística Forense e pela Semiolinguística.

Autores: Larissa Ribeiro dos Santos e Welton Pereira e Silva

Departamento/Unidade/Laboratório: Instituto de Letras. Linfor:

Núcleo de Estudos em Linguística Forense

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa parte da análise da argumentação em possíveis golpes via *e-mail*, sob a perspectiva da Linguística Forense (Caldas-Coulthard, 2014; Shuy, 2005; Silva, 2020) e da Teoria Semiolinguística do Discurso (Charaudeau, 2008; 2015). Durante o nosso processo de pesquisa, coletamos 10 e-mails, dentre eles, 5 nacionais e 5 internacionais, o que nos possibilitou demarcar estratégias argumentativas empregadas com o fim de fazer com que os destinatários dos e-mails acreditem nas palavras do sujeito enunciador, um possível estelionatário.

Com isso, o objetivo principal desta pesquisa foi o de analisar argumentos empregados por diferentes sujeitos enunciativos em possíveis golpes via *e-mail*, vislumbrando padrões no *modus operandi* dos possíveis golpes. Como objetivos específicos, tivemos: i) categorizar, descrever e analisar as diferentes estratégias argumentativas empregadas nos textos coletados; ii) relacionar alguns *ethé* ao despertar de emoções e imaginários

sociodiscursivos e (iii) refletir sobre a forma como este trabalho pode contribuir no processo de realização de intervenções pedagógicas, visando a evitar que mais vítimas sejam feitas por estelionato via e-mail.

Na medida em que nos debruçamos sobre possíveis golpes via e-mail, nosso trabalho pode ser inserido na área aplicada conhecida como Linguística Forense que, de acordo com Coulthard e Johnson (2007), pode ser entendida como a aplicação do conhecimento linguístico a questões relacionadas a processos judiciais, abarcando desde pesquisas sobre o discurso jurídico, em uma perspectiva *lato sensu*, até trabalhos que tratam a língua como evidência em possíveis crimes, em uma perspectiva *stricto sensu*.

Ao trabalhar com possíveis crimes que empregam a língua como principal ferramenta, falamos do que Shuy (2005) chama de crimes de linguagem; isto é, crimes cometidos principalmente ou unicamente pela língua. De acordo com Silva (2020), os textos que veiculam possíveis crimes, como ameaça, calúnia, difamação, estelionato e extorsão, podem ser compreendidos como *discursos*

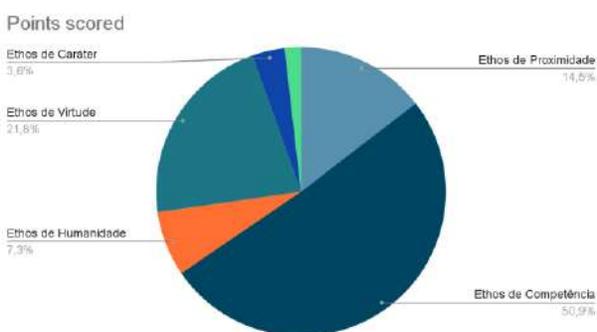
criminalizáveis; isto é, textos passíveis de tipificação penal, como os e-mails aqui analisados.

Os textos que compõem o *corpus* foram analisados, levando em conta a construção de diferentes imagens de si produzidas pelos sujeitos enunciadorees. Cada imagem de si, ou *ethos* discursivo, foi categorizada de acordo com a nomenclatura apresentada por Charaudeau (2015). Assim, a Teoria Semiolinguística do Discurso subjaz nossas análises, compreendendo que a análise do texto deve levar em conta tanto o aparato linguístico quanto as informações advindas da situação de comunicação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Após a análise e categorização dos diferentes *ethé* encontrados nos textos, chegamos ao seguinte gráfico:

Gráfico 1: tipos de *ethé* encontrados



Fonte: dados da pesquisa.

Observamos que, dos diferentes *ethé* encontrados nos e-mails que constituem possíveis golpes, o *ethos de competência* foi o mais abrangente, com 50,9%, seguido do *ethos*

de virtude, com 21,8%. Os dados revelam que os sujeitos enunciadorees procuram garantir a credibilidade de seus argumentos por meio da construção da imagem de pessoas competentes, dotadas de um *saber fazer*, e de pessoas virtuosas, em quem se pode confiar. Durante o percurso argumentativo dos e-mails, os possíveis golpistas procuravam garantir que as possíveis vítimas acreditassem em suas palavras, empregando argumentos como “Transfira o valor de 3.000 BRL para minha carteira bitcoin e eu esquecerei tudo. Também excluirei permanentemente todos os seus dados e vídeos” (Texto 1), em que ocorre a construção do *ethos de competência*, de alguém que possui um saber fazer, procurando despertar o temor no destinatário.

Ademais, ao comparar quantitativamente e qualitativamente os e-mails Nacionais e Internacionais, observamos uma diferença interessante entre ambos. Nos e-mails nacionais, foram encontrados maiores recursos multimodais atrelados a empresas conhecidas nacionalmente como o “Mercado Livre”, “Banco do Brasil” e “Porto Seguro”, tendo como ênfase um apoio estético e visual, agindo de maneira mais direta com um método corporativo. Por outro lado, nos e-mails internacionais, observamos o foco na criação de diferentes narrativas, com “histórias” mais enriquecidas de diferentes tipos de *Ethé*. Outra característica dos textos analisados foram as constantes marcas de tradução automática, nos textos internacionais, e desvios ortográficos e gramaticais nos textos nacionais, mesmo sendo, supostamente, enviados por empresas renomadas e consolidadas no mercado.

Agradecemos ao Instituto de Letras e à UFF por todo o apoio durante nossa pesquisa.

CONCLUSÕES:

Notamos que a argumentação pela construção de diferentes imagens discursivas de alguém competente e virtuoso parece ser uma constante em golpes via e-mail. Pelo caráter de iniciação científica, observamos poucos dados, o que indica a necessidade de novas investigações, com dados mais robustos, serem efetuadas.

Além disso, ao basearmos nossa perspectiva no âmbito da Linguística Forense, acreditamos que nossas contribuições possam ser empregadas na consolidação de propostas didáticas que visem a combater esse tipo de golpe via e-mail, afinal, evidenciamos características linguísticas, discursivas e multimodais que contribuem para a consideração de que os textos analisados podem consistir em golpes. Munidos dessas informações, professores de língua poderão trabalhar com seus alunos questões referentes ao modo de organização argumentativo do discurso, ao gênero e-mail, à variação linguística, ao emprego da norma culta em textos formais etc., mostrando que, ao transgredir as regras do gênero e da interação proposta, os sujeitos enunciadores se mostram como possíveis golpistas, o que pode fazer com que leitores competentes e críticos não se tornem vítimas potenciais desse tipo de golpes.

AGRADECIMENTOS:

Agrademos ao CNPq pela bolsa concedida que possibilitou a realização desta investigação.



Grande área do conhecimento: Letras, Linguística e Artes

Título do Projeto: Subúrbio como construção literária coletiva

Autores: João Vítor Alves e Claudia Falcão

Departamento/ Unidade: Artes e Estudos Culturais- IHS

INTRODUÇÃO:

A produção literária suburbana também ocupa os espaços do ambiente virtual. Um exemplo disso são as páginas das redes sociais voltadas à construção literária coletiva por meio do compartilhamento das “escrevivências” de seus seguidores. Diante disso, a proposta do projeto visou analisar as narrativas do subúrbio carioca descritas na página do Facebook “Suburbano da Depressão”, de forma a evidenciar o cotidiano suburbano, a noção de coletividade e a identificação entre seus integrantes. Além disso, fez-se necessária a correlação entre as produções literárias feitas na página, as produções de outros escritores das redes sociais e com textos de Lima Barreto, a fim de demonstrar as semelhanças que ultrapassam a barreira do tempo.

A partir de publicações que se iniciavam com o título “Vamos construir...?” os seguidores da página acrescentam aos comentários inúmeros relatos da vida suburbana e consomem uma verdadeira produção coletiva sobre o subúrbio carioca. Dessa forma, se fosse solicitado pela página a construção imaginária de uma casa de praia na Região dos Lagos, por exemplo, logo surgiam os personagens típicos para comporem a narrativa: o tio folgado, a mãe

que cozinha para todo mundo, a vizinha fofoqueira entre outros.

Através das análises dos comentários da página e sua comparação com os textos de Lima Barreto e de três cronistas contemporâneos do subúrbio (André Gabeh, Leandro Leal e Philippe Valentim), é possível observar a formação de temas que apontam a situação social do suburbano bem como a descrição de suas principais características. Com isso, a pesquisa buscou ressaltar os pontos temáticos que unem toda produção suburbana investigada, tais como a precariedade da infraestrutura urbana, a convivência em vizinhança, o transporte público e a caracterização dos personagens e dos eventos suburbanos, a vida cotidiana.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A princípio, os resultados encontrados por essa pesquisa foram a identificação dos elementos que configuram os tipos e estilos de vida suburbanos mais comuns; as tramas mais recorrentes e os temas que geram mais interação entre os seguidores. Somado a isso, notou-se que, com certa frequência, situações cotidianas desagradáveis do subúrbio carioca são retratadas de forma cômica e sarcástica,

evidenciando um modo bem-humorado de superar as dificuldades, característica essa que constitui o espectro de elementos que compõem a vida do suburbano.

A partir disso, houve a compreensão da existência de uma pluralidade de vozes que compõem narrativas semelhantes e o entendimento de que as experiências vivenciadas interferem na forma de se expressar, oferecendo contribuições valiosas para a cultura sob a perspectiva da população comumente excluída do ambiente acadêmico e erudito.

Ademais, pode-se notar como o subúrbio pode significar um espaço de construção literária coletiva, posto que, em diferentes épocas e por diferentes autores, ele é narrado como um local experienciado por muitos e fonte de inspiração para inúmeras narrativas baseadas em eventos reais.

CONCLUSÕES:

Conclui-se que a proposta de analisar a página “Suburbano da depressão” e visualizar as semelhanças contidas nas narrativas de Lima Barreto e nas dos cronistas contemporâneos se mostrou uma atividade bastante interessante do ponto de vista social e acadêmico. Isso porque além de compreender o papel do subúrbio como relevante elemento cultural, podemos também perceber como a literatura, mais especificamente nas “escrevivências”, está intimamente conectada com a vida cotidiana, mostrando como a realidade vivida por grande parte da população carioca possui potencial de

alcançar locais “privilegiados”, tal como a academia.

Através desses apontamentos podemos dizer que o material analisado é suficientemente capaz de gerar discussões teóricas profundas no âmbito da análise sociológica. Conhecer um pouco mais sobre o subúrbio carioca e a infindável produção literária que ele é capaz de proporcionar nos deu uma visão mais ampla a respeito da literatura e, por consequência, nos aproximou um pouco mais a ela no sentido de que a pesquisa nos revela aquilo que julgamos como maior importância para a literatura: a sua humanidade.

AGRADECIMENTOS:

À professora Rôssi Alves, pela oportunidade oferecida e pelos valiosos ensinamentos;

Ao CNPq e FAPERJ, pelas bolsas concedidas a mim e meus companheiros de pesquisa;

À Cláudia Falcão, bolsista Faperj e grande parceira nesta pesquisa;

Ao bolsista anterior – Renan Viana Gusmão – por se empenhar exemplarmente neste processo.



Linguística, Letras e Artes

**LITERATURA BRASILEIRA TRADUZIDA: DOIS CONTOS DE
CLARICE LISPECTOR EM TRADUÇÃO PARA O INGLÊS**

Isabel Cristina Santos de Aguiar (PIBIC/CNPq/UFF)

Carolina Geaquinto Paganine (orientadora)

**Departamento de Ciências da Linguagem/ Instituto de Letras/
núcleo de tradução e criação**

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho conduz uma investigação quanto à tradução para a língua inglesa dos contos “Feliz aniversário” e “Os laços de família” da autora Clarice Lispector, presentes em sua obra *Laços de Família* (1960), a partir das traduções de Giovanni Pontiero (1984) e de Katrina Dodson (2015). Visto que as duas propostas de tradução foram produzidas com um intervalo de três décadas, cabe ao projeto analisar os fatores que ofereceram uma maior interferência nos processos tradutórios de cada tradutor, sejam eles históricos, sociais ou culturais.

A partir dessa premissa, a pesquisa se fundamenta nas considerações dos conceitos de “marcado e não marcado”, propostos por Paulo Henriques Britto na obra *A tradução literária* (2012), e, para analisar o grau de domesticação e estrangeirização presente nos trechos do léxico marcado de Clarice Lispector em cada tradução, o texto *Estratégias de Tradução* (2001), de Lawrence Venuti. Em adicional, no momento de análise textual das traduções, foram observados procedimentos técnicos da tradução (Barbosa, 1990), em especial a omissão e a explicitação, além de

outras pesquisas centradas na discussão de traduções para línguas estrangeiras do trabalho de Clarice.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Tendo em vista o contexto de publicação das duas traduções, nas quais a tradução de Giovanni Pontiero representa um momento de introdução do leitor anglófono à trabalhos literários internacionais, ocasionando em questões extra textuais, como a demanda por um texto fluido, de estruturas e símbolos reconhecíveis, capaz de conquistar um leitor da cultura de chegada e permitir uma taxa de consumibilidade compatível aos parâmetros estimados pela editora responsável, influenciando os procedimentos de tradução escolhidos para sua prática. No caso de Katrina Dodson, seu contexto de publicação comporta novas expectativas do público, agora familiarizados com textos estrangeiros, em razão de esforços como a publicação de bibliografias e entrevistas sobre Clarice Lispector, conduzidas por seu organizador, Benjamin Moser, e pretendem lidar com expectativas de uma representação mais

próxima do estilo de escrita da autora original no texto final.

Desse modo, há como notar que, enquanto empregando estratégias e procedimentos que contribuam para um senso de uma prática conservadora de tradução, o texto traduzido de Giovanni Pontiero permanece uma prática concisa e semanticamente coerente com a obra original de Clarice. A tradução de Dodson, por outro lado, explora procedimentos mais estrangeirizantes, propondo versões traduzidas de seus textos nos quais a voz da autora se tornasse soberana, mesmo que, em algumas situações, resulte em erros de associação de sentidos na transferência de uma língua para a outra.

CONCLUSÕES:

Por fim, é possível concluir que, apesar das dificuldades, a transferência do universo de sentidos do léxico clariceano para a língua inglesa não é perdida em nenhum dos dois tradutores selecionados, tendo em vista que os dois carregam consigo o orgulho de ter iniciado o processo de familiarização do público anglófono para com a escritora, como é o caso de Pontiero, e de expor mais um toque da dimensão semântica que é ler um conto de Clarice Lispector, como propôs Katrina Dodson. Portanto, compreender as complicações que podem aparecer durante a tradução de textos de Clarice, implica também a noção de que não há como atingir uma tradução perfeita, e que para alcançar o devido público escolhas devem ser feitas, e aspectos deverão ser priorizados

em favor de outros para que o tradutor chegue ao seu objetivo.

Ao fim das análises conduzidas, podemos determinar que em sua busca para cumprir seus objetivos, Pontiero teve de optar por estratégias mais domesticadoras, explicitando, omitindo e aprimorando a “montanha” de signos de Clarice para que o público estrangeiro pudesse começar sua caminhada em direção às demais obras da autora. Por outro lado, Dodson fez uso de uma maior liberdade de escolha para montar uma coletânea dos contos de Clarice Lispector traduzidos com estratégias que permitissem a preservação dos significados propostos por Clarice, além de seus recursos estilísticos, como suas pausas, repetições e sua pontuação, mantendo o ritmo idealizado pela autora original. Assim, cabe aos leitores anglófonos de Clarice esperar um pouco mais, já que em uma década, ou duas, é possível que apareça mais um corajoso tradutor, com uma nova estratégia de tradução divisora de águas e um claro objetivo em mente, para que tenhamos a oportunidade de avançar mais alto na grandiosa montanha que é a literatura de Clarice Lispector.

AGRADECIMENTOS:

Em primeiro lugar, agradeço à minha família pelo apoio constante, à minha mãe, Zilda, que sempre se oferecia como um plateia dos meus incansáveis monólogos sobre as traduções selecionadas.

Agradeço aos meus colegas do curso de Letras pela paciência diante das muitas horas os entrevistando sobre trechos de Clarice ao longo dos corredores da universidade.

À minha orientadora, Profª. Drª. Carolina Paganine, agradeço pela confiança, e pela chance de explorar a literatura brasileira traduzida com sua parceria excepcional.

Por fim, um agradecimento especial àquele que iniciou toda essa jornada, Prof. Dr. Mário Eduardo Martelotta; linguista, músico e meu padrinho, que me guiou em direção às linguagens sem ao menos saber, e que sempre avistarei nos livros, estantes e bibliotecas que cruzar ao longo da minha jornada pelo mundo afora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução, uma nova proposta**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 1990. v. 1.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

ESPÍRITO SANTO, Janandréia. **Laços da tradução: as versões em língua espanhola de Laços de Família, de Clarice Lispector, em um estudo baseado em corpus**. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em:

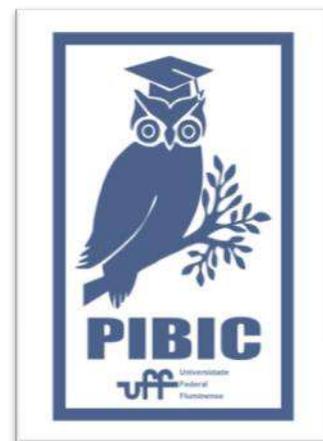
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95067>

LISPECTOR, Clarice. **Complete Stories**. Translated by Katrina Dodson. New York: New Directions, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **Family Ties**. Translated by Giovanni Pontiero. Austin: University of Texas Press, 1984.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

VENUTI, Lawrence. Strategies of translation. In: **M. Baker (Ed.), Routledge encyclopedia of translation studies**, pp. 240-244. London and New York: Routledge, 2001.





Grande área do conhecimento: Linguística, Letras e Artes
Título do Projeto: *Construções contrastivas não prototípicas em língua portuguesa: do século XVII aos gêneros digitais*
Autores: Nilza Barrozo Dias (Orientadora) e Alice Lima Alves Ferreira Sleiman

Departamento/Unidade/Laboratório: Instituto de Letras/ Departamento de Letras Clássicas e Modernas, sala 313 C,

INTRODUÇÃO:

Este trabalho tem como finalidade abordar a construção contrastiva não prototípica iniciada pelo conector *enquanto que* e seus respectivos valores semânticos, em uma análise de cunho funcionalista. Na primeira fase da investigação, o estudo da construção com *enquanto que* se deu a partir das relações semânticas da conjunção adversativa “mas”, conforme Neves (2000), em amostras do século XXI, Corpus do Português, Seção Web Dialetos: Brasil, Angola e Moçambique. A seguir, verificamos (i) se as mesmas relações semânticas, encontradas no século XXI, seriam recorrentes em textos dos séculos XVI- XX, Corpus do Português, Seção Now; contudo, foram identificadas somente a partir do século XIX; e (ii) se as mesmas relações são encontradas no gênero digital *Tweeter*.

Propomos um esquema muito amplo X-QUE_{conector}, sendo o X representado, em sua origem, pela conjunto temporal, *enquanto*, mais a conjunção QUE, que formam um chunk, expressando valor contrastivo e expandido a categoria por processos de reanálise e analogia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Segundo Neves (2000), o “mas” é a conjunção prototípica de contraste, ou seja, em termos de uso linguístico, ela é a mais recorrente da língua portuguesa. A autora aborda aspectos importantes sobre a conjunção, dentre eles, a natureza das relações semânticas. A conjunção *mas* marca uma relação de desigualdade, uma quebra de expectativa entre os segmentos coordenados, e essa desigualdade aponta para uma leitura de negação, contrariedade, rejeição e oposição entre ambos.

O “mas” evidencia exterioridade entre dois segmentos coordenados e, portanto, coloca o segundo segmento de algum modo diferente do primeiro, podendo realizar-se entre orações e enunciados. O Quadro abaixo mostra as relações semânticas identificadas por Neves (2000).

Quadro 1: Relações semânticas propostas por Neves (2000) para a conjunção *mas*.

Contraposição	Eliminação
(a) Em direção oposta: (i) marcando contraste/lexical/ (ii) marcando compensação; (iii) restringindo parcialmente; (iv) negando por inferência.	(d) Nega-se a continuação, mas não há recolocação.
	(e) Nega-se a continuação, mas há uma recolocação.
(b) Na mesma direção	(f) É negado o que é enunciado no primeiro membro.
(c) Em direção independente	(g) É rejeitada a oportunidade do primeiro membro.

A partir da proposta elaborada por Neves (2000), busca-se em dados dos séculos XIX-XX verificar, através da identificação das relações semânticas, se a construção se posiciona mais ao centro da categoria prototípica de contraste ou mais à margem da mesma. Além disso, estudou-se a proposta de Mauri e Ramat (2008) acerca dos conectivos italianos adversativos, para verificar possíveis semelhanças com os nossos resultados.

Durante o percurso de análise, foi possível perceber que a construção com *enquanto que* apresenta muitas das relações semânticas da conjunção *mas*, então foi proposto um quadro de relação semânticas, a fim de explorar as suas particularidades em dados dos séculos anteriores. A proposta de Dias (2021) aponta as seguintes características da construção com *enquanto que*:

predominância de *contraste simples por comparação*; configuração de *comparação de eventos*, que pode estabelecer uma simultaneidade temporal, não menos importante a comparação por descrição e a comparação lexical.

Foram identificadas as relações semânticas de: contraposição em direção oposta, contraposição na mesma direção ou em direção independente. Não foram encontrados nem o contraste por compensação e nem por eliminação em amostras do século XXI.

- | |
|--|
| (i) Em direção oposta:
(a) marcando contraste
(b) negação de inferência.
(ii) Na mesma direção
(iii) Em direção independente |
|--|

Quadro 2: Relações semânticas encontradas no século XXI por Dias (2021)

Os resultados das análises empreendidas no Corpus do Português, séculos XIX e XX, mostram que as construções com *enquanto que* instanciam relações semânticas similares às do século XXI, com predominância da *marcação de contraste simples*, com exceção das relações: *direção independente* e *negação por inferência*, que apresentaram raras ocorrências, e da inserção de *contraste por restrição parcial*.

- | | |
|-----|-------------------------|
| (a) | Marcação de contraste |
| (b) | Restrição parcial |
| (c) | Negação de inferência |
| (d) | Na mesma direção |
| (e) | Em direção independente |

Quadro 3: Relações semânticas nos séculos XIX e XX

CONCLUSÕES:

A partir de tudo que foi abordado até o momento, observa-se que o conector *enquanto que* apresenta características semânticas semelhantes a do conector prototípico de contraste “*mas*”, sendo considerado, portanto, um conector que se aproxima do grupo de contraste, adversidade, entre os segmentos coordenados, ou seja, expande o esquema contrastivo.

As relações semânticas testadas mostram que o usuário recorre à construção com *enquanto que* para expressar contraste, quando o evento está, preferencialmente, marcado por comparação em sua base de formação. O tempo notoriamente simultâneo, advindo do uso de *enquanto* adverbial, se transforma em um tempo marcadamente paralelo quando o *enquanto* forma um *chunk* com o *que*. A construção em foco instancia muitas das relações semânticas do *mas*, posicionando-se, portanto, mais ao centro da categoria de contraste adversativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. SP. Cortez Editora. 2016.

DIAS, Nilza B. Construções não contrastivas em variedades da língua portuguesa. Palestra no I Ciclo de Palestras do Núcleo Estudos da Língua em Uso. Posling/UFMF. 2021.

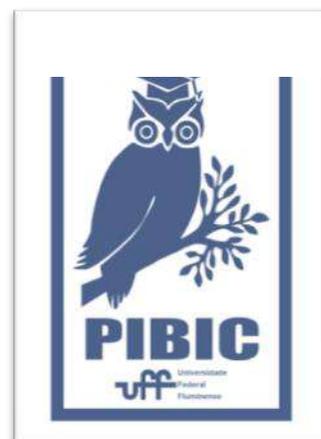
MAURI, Caterina e RAMAT, Ana G. The development of adversative connectives in Italian: Stages and factors at play. Article in *Linguistics*. January 2012.

(<https://www.researchgate.net/publication/273073077>)

NEVES, M. H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP. 2000: 755-779.

AGRADECIMENTOS:

Especial agradecimento à PROPPI pela concessão da bolsa PIBIC/CNPq que auxiliou no aprimoramento dos objetivos pretendidos pela orientadora no desenvolvimento do projeto, “Construções contrastivas não prototípicas em língua portuguesa: do século XVII aos gêneros digitais”, e no aprimoramento das habilidades de análise e percepção linguísticas da bolsista, considerando o modelo de análise baseado no uso.





Linguística Artes e Letras

Na teia da violência sexual: recepção crítica das “Metamorfoses” de Ovídio.

Licya dos Santos Rios (bolsista CNPq-Letras/UFF)

Orientação: Renata Cazarini de Freitas (Letras/UFF)

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (GLC/UFF)

INTRODUÇÃO:

Publius Ovidius Naso (43 AEC-17 EC) foi um dos grandes poetas romanos que viveu no principado de Augusto, tendo escrito a maioria de suas obras em dístico elegíaco latino, exceto seu *magnum opus*, o épico *Metamorfoses*. A obra-prima é um poema cosmogônico, etiológico e mitológico que narra as transformações do universo e da natureza, do caos primordial à contemporaneidade do poeta. Nos 15 livros que compõem a obra, abarcando cerca de 250 mitos, há aproximadamente 50 episódios de violência sexual contra a mulher.

Este projeto de pesquisa propõe a tradução e análise crítica de 300 versos em latim, selecionados como *corpus*, abarcando os mitos de Dafne (Livro I, versos 452-567), de Medusa (IV.765-803) e Aracne (VI.1-145). Dafne, a seu pedido, foi metamorfoseada em um loureiro para escapar à violência sexual do deus Apolo, enquanto Medusa, sacerdotisa de Minerva, foi transformada pela deusa em um “monstro”, sendo punida pela agressão que sofreu do deus Netuno, a infame culpabilização da vítima de estupro, ao passo que Aracne era uma aclamada tecelã humana desafiando a habilidade de Minerva e denunciando os crimes

sexuais dos deuses (*caelestia crimina*), razão pela qual foi convertida pela deusa em aranha.

A atividade tradutória do *corpus* amparou-se nos Estudos Feministas da Tradução e nos Estudos Críticos de Recepção dos Clássicos, cobrando da tradutora certo engajamento. Sendo assim, a tradução se posiciona como um ato político, demarcando as categorias epistemológicas no texto latino: a metamorfose como corpo material do silenciamento decorrente da violência sexual; a naturalização da violência na fortuna crítica e nas traduções; a objetificação do corpo feminino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Ao longo do período da bolsa, a pesquisadora traduziu 300 versos em prosa recortada justalinear, sem negligenciar aspectos poéticos do texto latino estabelecido por Richard J. Tarrant (2004). A atividade tradutória levou a reflexões que, sustentadas nas leituras complementares, fundamentaram a análise crítica que consiste no apêndice ao relatório final. A intersecção dos Estudos Feministas da Tradução com os Estudos Críticos de Recepção dos Clássicos possibilitou identificar de que forma as dinâmicas de violência e poder se

articulam nas *Metamorfoses* de Ovídio e tendem a ser perpetuadas pela crítica e pelas traduções.

Abaixo, excerto traduzido da metamorfose de Dafne (l.543-555):

Já sem forças, ela empalideceu e,
extenuada pela fuga brusca, encarando as
[ondas do Peneu,
diz: “Pai, me socorra! Se vocês, rios, têm algum
[poder divino,
destrua e mude minha forma, apazível demais”.
Mal findou a prece, um pesado torpor invade
[seus membros.
Uma fina casca envolve o tenro tórax.
Crescem folhas no lugar dos cabelos, galhos no
[lugar dos braços.
Os pés, ainda há pouco tão velozes, cravam-se
[no chão em inertes raízes.
A copa é o rosto – só o brilho permanece nela.
Do mesmo jeito, Febo a ama e, pousando a
[mão no tronco,
sente o peito ainda agitado sob a nova casca.
Ele abraça seus ramos como se fossem os
[membros.
Dá beijos na madeira, mas a árvore rejeita os
[beijos.

Emerge desse trecho, em diálogo com os outros dois mitos, a metamorfose como mecanismo da política sexual identificável nas *Metamorfoses*, um universo em que ser mulher era – e ainda é – estar sempre vulnerável

CONCLUSÕES:

A metamorfose é o dispositivo poético ovidiano que ilustra a aniquilação do corpo feminino pela

masculinidade predatória, numa ação de silenciamento. Os deuses encontram no corpo da mulher mais talentosa, casta ou disruptiva, um monumento vivo para a violência sexual. Enquanto a ela cabe o silêncio, o trauma e a desumanização, os deuses tocam as estrelas e são chamados “heróis”. Detalhes invisibilizados pela tradição da tradução, que transforma esses mitos em contos de fadas, o que constitui um silenciamento epistêmico.

A classicista norte-americana Stephanie McCarter (2018), autora de recente tradução feminista em inglês das *Metamorphoses* (2022), aponta que as traduções refletem a dificuldade em acreditar na palavra de uma mulher e, também, em definir questões complexas como corpo e consentimento, conceitos sociais que estão sujeitos a transformações e que ecoam até a nossa contemporaneidade. Por isso, torna-se preponderante olhar criticamente as obras da Antiguidade a fim de se apropriar delas para produzir novas leituras, revelando violências que, devido à transmissão eurocêntrica, patriarcal e misógina, ficaram invisibilizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MCCARTER Stephanie. “Rape, Lost in translation”. **Electric Literature**. 01/05/2018.

<https://electricliterature.com/rape-lost-in-translation/>

OVID. **Metamorphoses**. Recognouit Breuique Adnotatione Critica Instruxit R. J. Tarrant. Oxford: Clarendon Press, 2004.

OVID. **Metamorphoses**. Tradução e Introdução de Stephanie McCarter. Nova York: Penguin, 2022.



LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NA BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA: RESGATE DA PARTICIPAÇÃO DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA NA IMPRENSA CARIOCA

Anna Faedrich Martins Lopez (orientadora-UFF)

Brenda Nascimento de Moura (bolsista IC-CNPq)

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/ Instituto de Letras

INTRODUÇÃO

O projeto de Iniciação Científica desenvolvido por mim, sob a orientação da professora Anna Faedrich, com bolsa PIBIC/CNPq, tem por objetivo resgatar a trajetória literária da escritora notável e vanguardista Julia Lopes de Almeida (1862-1934), de modo a compreender a natureza do seu gradual apagamento da história literária brasileira. Com o auxílio da ferramenta da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, realizo o levantamento e a análise da participação de Julia Lopes de Almeida na imprensa periódica do Rio de Janeiro, apurando a sua atuação significativa e resgatando a recepção crítica de sua obra.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao realizar a análise da produção literária do entresséculos (XIX e XX), salta-nos aos olhos a ausência completa da colaboração feminina neste período. No entanto, as buscas pelos jornais e registros da época apontam a parcialidade na seleção dos cânones, de modo a desfavorecer as mulheres na literatura. As justificativas podem variar desde o valor estético da obra até a percepção masculina de qualidade, porém, nesta pesquisa, levamos em consideração o impasse social e as consequências enfrentadas pelas mulheres das Letras ao ingressarem em espaços predominantemente masculinos. Portanto, ao realizar o levantamento quantitativo da atuação de Julia Lopes nos periódicos, entre os anos de 1890 e 1930, constatamos a expressividade de sua participação como escritora-cronista-jornalista e encontramos diversos textos esparsos, os quais estão sendo analisados com o objetivo de apurar se são textos inéditos. É possível, também, encontrar diversos trechos e matérias elogiosas sobre a produção literária de Lopes de Almeida. Ademais, além de ampliar o acesso à obra literária de Julia Lopes de Almeida, essa busca também resgata a fortuna crítica da autora e a sua repercussão à época

CONCLUSÕES

Em conclusão, após a análise do levantamento quantitativo desta pesquisa, é inegável reconhecer a natureza do engajamento e participação da escritora Julia Lopes de Almeida para a

literatura e para uma fortuna, por mais que negligenciada, de um Brasil que tão arduamente luta por assumir sua própria identidade. Contando com inúmeras crônicas, contos, romances, peças, conferências, observa-se uma autora completa, que transitou com sucesso por tantas áreas contando com o apoio majoritário de uma crítica da época. Nota-se, acima de tudo, a conquista de leitores fiéis, que por vezes tornaram-se seus espectadores ao lotar os teatros diversas vezes para prestigiar todas suas peças publicadas e levadas aos palcos, como no caso de “Quem não perdoa”, que lotou o teatro um total de 37 vezes.

Entretanto, ao pensar na lógica de uma autora de vanguarda, ativa até os anos 1930, detentora de múltiplas facetas e que teria transitado por diversos gêneros, atendendo demandas consideravelmente grandes e cumprindo os que seriam os requisitos subconscientes para a imortalidade da figura do autor e a eternidade de um legado literário, é pelo mínimo contraditório concluir o desconhecimento nacional de Julia Lopes de Almeida e a completude de sua obra. Porém, é importante ressaltar que esses “requisitos” compõem uma régua exclusivamente masculina de qualidade, e apesar de toda a aceitação “momentânea” da autora, tampouco os números foram suficientes para consolidá-la na memória cultural e histórica do país.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora e cabeça deste projeto, Anna Faedrich, pela oportunidade e ao CNPq, pela bolsa concedida.

REFERÊNCIAS

- COELHO, Nelly Novaes. O desafio ao Cânone: consciência história versus discurso em crise. In: CUNHA, Helena Parente (Org.). *Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999, p. 9-14.
- DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). *Mulheres e literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Editora Palotti, 1997.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance. As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- FAEDRICH, Anna. Memória e amnésia sexista: repertórios de exclusão das escritoras oitocentistas. *Letrônica*, Porto Alegre, vol. 11, n. especial (supl. 1), setembro 2018, p. 164-177. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/30477>.
- FAEDRICH, Anna. *Escritoras silenciadas: Narcisa Amália, Júlia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres*. Rio de Janeiro: Macabéa; FBN, 2022.
- MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2008.

MONTEIRO, Rosa. *Histórias de mulheres*. Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. *A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

STASIO, Angel adi; FAEDRICH, Anna; RIBEIRO, Marcus Venicio (Orgs.). Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida. *Cadernos da Biblioteca Nacional*, v. 16, 2016.

TELLES, Norma. "Escritoras, escritas, escrituras". In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil* (Org.). 10 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 401-442.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.



Grande área do conhecimento Linguística, Letras e Artes
(8.00.00.00-2)

Título do Projeto O personagem evangélico em *Santa Cruz* (2000)

Autores: Prof. Dr. Fabián Rodrigo Magioli Núñez – SIAPE
2495399

Aluna: Alice Barbière Amaral – Matrícula
119057051

Departamento/Unidade/Laboratório: Departamento de Cinema e Vídeo / Instituto de Arte e Comunicação Social

INTRODUÇÃO

Desde os anos 1980, têm sido desenvolvidas pesquisas sobre o crescimento dos evangélicos na população brasileira. Os evangélicos, que na década de 1980 somavam 7,8 milhões de adeptos. Hoje já são aproximadamente um terço da população, o que equivale a 65,4 milhões de pessoas. A estimativa é de que em meados de 2034, o Brasil se torne um país predominantemente evangélico e deixe de ter a maioria católica. O dado impressiona mais ainda se pensarmos que, na década de 1960, os católicos representavam cerca de 93% da população, enquanto os evangélicos expressavam tímidos 4%. Em suma, caminhamos para nos transformar em um país evangélico. Isso implica necessariamente em um crescimento do conservadorismo, como apresentado no filme? Qual seria o real perfil do evangélico brasileiro?

Diante deste crescimento exponencial, o audiovisual nacional não se furtou a exibir a esse sujeito social. Mas, o personagem evangélico presente em filmes e séries são condizentes com a realidade desta, cada vez mais ampla, camada da população brasileira?

Diante destas questões e tendo clara a ampla

variedade que caracteriza o universo evangélico em sua multiplicidade de vertentes, práticas, posicionamentos ideológicos e vínculos político-partidários, a pesquisa se propôs a investigar o personagem evangélico no documentário *Santa Cruz* (2002), de João Moreira Salles.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Santa Cruz (2000), documentário dirigido por João Moreira Salles, retrata justamente o impacto de uma Igreja Pentecostal em uma comunidade carente na zona oeste do Rio de Janeiro, mostrando uma visão mais intimista do perfil do evangélico brasileiro. O filme acompanha por nove meses as atividades da recém aberta Casa de Oração Jesus é o General, fundada pelo metalúrgico aposentado Jamil. Acompanhamos de perto o desenvolvimento da Igreja e somos convidados a conhecer os diversos moradores que frequentam o lugar através de inúmeras entrevistas recortadas em uma montagem fluida. Nosso objetivo nesta pesquisa é analisar como este documentário constrói um personagem do evangélico brasileiro em sua narrativa, dialogando com o crescimento do pentecostalismo nas periferias descrito acima e

mostrando o impacto que a Igreja retratada tem na vida cotidiana não só dos crentes como de todos os moradores no entorno. Para tanto, pretendemos examinar como Moreira Salles desenvolve uma narrativa baseada no enfoque particularizado. Nossa proposta é investigar como o documentário retrata uma comunidade específica para ilustrar o fenômeno do crescimento do pentecostalismo e, dessa forma, construir um personagem do que seria o evangélico brasileiro.

Com uma narrativa amarrada, o filme se divide em três partes: os três primeiros meses, os meses seguintes e os três meses finais. Cada parte mostra uma progressão do trabalho do pastor Jamil, metalúrgico aposentado, com uma expansão dos fiéis e uma melhoria de vida dos moradores da localidade. A ideia do documentário é abordar essa área da periferia carioca através da religião. Tudo que sabemos sobre o Parque Florestal e Santa Cruz provém da Casa de Oração Jesus é o General e do relato de seus fiéis. Os problemas que a população enfrenta encontram resoluções na Igreja. O senso de coletividade vem da Igreja. Os momentos de festa vêm da Igreja. E os sofrimentos são lidados também dentro da Igreja. Assim, a Igreja não é apenas um aspecto da vida dos moradores daquela localidade, mas um elemento essencial para a cidadania e sociabilidade.

Para a pesquisa, foi realizada a leitura de uma bibliografia sobre documentário, em especial, a obra do teórico estadunidense Bill Nichols, referência no tema.

Além disso, a bolsista participou do grupo de pesquisas sobre ciência da religião da profa.

Christina Vital da Cunha, do Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense. A tal experiência ainda se somou o trabalho da bolsista na página Observatório Evangélico, dirigida pelo antropólogo Juliano Spyer e pelo sociólogo Vinicius do Valle, onde atuou por seis meses, produzindo conteúdos para as redes sociais da organização a partir de artigos de opinião. Assim, ela teve contato com toda uma gama de pesquisadores da área, muitos deles evangélicos, de diversas vertentes e com posicionamentos políticos variados. Essa experiência foi fundamental para que ela pudesse desenvolver uma imagem mais ampla do perfil do evangélico brasileiro, a fim de compará-la com a representação construída por João Moreira Salles, em um documentário pioneiro sobre o tema, no começo do corrente século.

CONCLUSÕES:

O filme *Santa Cruz* (2008) é um documentário que documenta o processo de criação de uma igreja pentecostal na Zona Oeste do Rio de Janeiro como forma de ilustrar o crescimento dos fiéis evangélicos já no início dos anos 2000. A forma como a narrativa do filme se estrutura, seguindo uma jornada do herói através da figura de Jamil, o pastor, mostra os impactos de uma Igreja Evangélica em sua localidade de forma realista.

AGRADECIMENTOS:

Prof.^a Dr.^a Christina Vital da Cunha (GSO-UFF)
Observatório Evangélico
(<https://www.observatorioevangelico.org/>)



LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

**O RACISMO SOB A ÓTICA INFANTIL: UM ESTUDO DO
CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS, DE ISABELA
FIGUEIREDO**

**MORGANA MARTINS DOS SANTOS LOURENÇO;
PROF^a DR^a ANITA MARTINS RODRIGUES DE MORAES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM (GCL),
INSTITUTO DE LETRAS (EGL)**

INTRODUÇÃO:

O livro *Caderno de Memórias Coloniais*, de Isabela Figueiredo, é um compilado de textos com características de crônica que procura entregar uma espécie de remontagem fragmentada e lacunar de episódios da infância da menina Isabela enquanto colona portuguesa em Moçambique. Os textos são enumerados e parecem acompanhar cronologicamente a vida da menina na colônia até sua ida a Portugal, registrando, assim, eventos e concepções importantes para entender o funcionamento da ideologia do colonialismo português. Desse modo, tem-se uma autobiografia de infância que revela ao leitor um diálogo intrínseco entre esfera pessoal e coletiva, uma vez que a vida privada, em Moçambique, narrada pela menina, está imersa em dinâmicas sociais coletivas, como o racismo, o patriarcalismo e o colonialismo.

A obra literária expõe, por meio de uma narrativa elaborada sob a perspectiva de uma

criança a partir de memórias de mulher adulta sobre sua infância, a formação de um indivíduo diante do processo colonial português em Moçambique. Nesse sentido, ao longo dessa narrativa, diversos pontos importantes, como o processo colonial, a guerra de independência, o pós independência para os colonos e a situação dos colonos retornados, são abordados à luz dos olhos, e seus limites, da menina Isabella em desenvolvimento. Por isso, ao se propor a discutir o racismo sob um olhar infantil, para esse projeto, o *Caderno de Memórias Coloniais* se apresenta relevante.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Na análise aqui realizada, observa-se o desenvolvimento do mundo da infância da menina Isabela em diálogo e atravessamento pelo sistema colonial português, que está diretamente associado à figura de seu pai. Nesse processo, junto à protagonista, se

descobrem as falas e os pensamentos regidos pelo colonialismo que demarcam o outro, a mulher africana e o homem africano, enquanto seres racializados e, conseqüentemente, inferiores. Além disso, é possível acompanhar também a incorporação gradual desses valores à subjetividade da menina, que narra momentos que entende o corpo racializado como passível de agressão, como ocorre no capítulo 14.

Dessa forma, compreendeu-se, neste trabalho, a importância de se estudar tanto os temas culturais que atravessam o texto literário como se debruçar sobre a forma como as memórias são contadas. Isso porque foi observado que as articulações do sistema colonial português em Moçambique estruturou o olhar e a subjetividade da narradora-protagonista que rememora sua perspectiva de infância. Em outras palavras, o texto é delicadamente construído sob nuances da experiência não racializada de uma criança branca e sua relação com o patriarcalismo familiar frente ao colonialismo racializador do outro africano que interage na construção da sua subjetividade. Diante disso, percebeu-se que até mesmo as escolhas narrativas e as vozes delegadas pela protagonista, em forma de discurso direto, foram impactadas pela dinâmica do colonialismo.

Caderno de Memórias Coloniais é relevante para o que é estudado nesta pesquisa, pois o que se pretende é perceber como o livro expõe, com uma linguagem crua e direta, as vísceras do sistema colonial português em Moçambique e seus impactos na formação da identidade do outro, que é a africana e o africano, e de si, que

se expressa na própria menina e as figuras que a cercam. Tendo isso em vista, a leitura do texto literário é acompanhada de um olhar crítico sedimentado em autores como Appiah, Memmi e Mbembe, como também em teóricos da literatura para pensar construção de foco narrativo e olhar infantil nessa elaboração, valendo-se de autores como Friedman, Culler, Bines, Seligmann-Silva. Assim, a análise que foi elaborada neste trabalho procurou explorar as tensões oriundas das relações raciais que parecem estruturar a infância da menina que, já adulta, narra as crônicas do livro.

CONCLUSÕES:

A obra *Caderno de Memórias Coloniais*, de Isabela Figueiredo, fornece ao leitor a oportunidade de pensar, diante de um olhar infantil construído a partir de memórias da protagonista já adulta, sobre questões relevantes acerca do colonialismo, identidade, racialidade e colonialismo. A literatura de testemunho elaborada por Isabela Figueiredo exerce uma função característica do gênero de uma espécie de retomada e retratação de um trauma pessoal-coletivo. As dinâmicas sociais violentas do colonialismo, seu impacto na construção simbólica da subjetividade do outro africano, reduzido a sua racialidade não-humanizadora, a construção da identidade de um eu branco, acompanhado pela narração do próprio desenvolvimento da autora são pontos considerados cruciais da obra literária para essa pesquisa. Ainda, pode-se observar os efeitos dessas problemáticas sociais inscritos na

própria escrita da narradora. O livro faz o movimento de uma espécie de denúncia desse colonialismo, mas sem esconder suas limitações formuladoras: a menina Isabela possui olhos de crítica para o colonialismo de seu pai, ao mesmo tempo que observa e assume com honestidade a incorporação desse mesmo *modus operandi*. Assim, sem saídas fáceis e com elaborações muito cruas, e, ainda assim, literárias, sobre o que foi vivido na infância da protagonista, o livro narra, mesmo que de forma fragmentada, sob que condições e vivência em que uma menina branca filha de colonos português em Moçambique se desenvolveu.



AGRADECIMENTOS:

Agradeço, primeiramente, a minha orientadora Prof^a Dr^a Anita Martins Rodrigues de Moraes, que lapidou, pacientemente, o trabalho desenvolvido e à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPPI) que permitiu a concessão da Bolsa PIBIC. Ainda, agradeço aos amigos e colegas de graduação pelas trocas enriquecedoras ao longo do processo.



Linguística, Letras e Artes.

A [DES]INVENÇÃO DO INIMIGO: JOGOS FICCIONAIS DE ALTERIDADE E REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA ANGOLANA

Renata Flavia da Silva (orientadora-UFF)

Bruna Gomes Werneck (bolsista IC-CNPq)

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/ Instituto de Letras

INTRODUÇÃO:

Baseada no estudo das representações e/ou quebra de paradigmas associadas à figura do “inimigo”, bem como o papel da fidelidade na literatura ficcional angolana, relacionados aos contextos históricos de guerra civil e pós guerra, a pesquisa tem como objetivo investigar a construção de personagens antagônicos em textos infanto-juvenis escritos por Zetho Gonçalves e Ondjaki.

Sabe-se que o “inimigo” além de ser uma figura fictícia, é um personagem da vida real, podendo ser um rival externo, interno ou um sistema. Sempre haverá um inimigo, e caso não haja, vemos como necessidade a sua criação, pois como afirma Umberto Eco, “[t]er um inimigo é importante, não apenas para definir a nossa identidade, mas também para arranjar-mos um obstáculo em relação ao qual seja medido o nosso sistema de valores, e para mostrar, no afrontá-lo, nosso valor” (ECO, 2011, p.12). A alteridade atrelada à concepção do inimigo foi, portanto, o fator responsável por instigar nossa curiosidade acerca do assunto, impulsionando a pesquisa e, conseqüentemente, servindo de objeto de estudo para o projeto em questão, executado a partir da análise das obras **Ynari – a menina das cinco tranças** (2010), de

Ondjaki, e a **A Caçada Real**, de Zetho Gonçalves.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Em **Ynari**, temos, através do abrandamento dos possíveis motivos causadores de uma guerra, a construção de inimigos capazes de despertar, nos jovens leitores, sentimentos de empatia, impedindo a desumanização ou demonização dessas figuras e facilitando a compreensão daqueles que ainda não reconhecem o egoísmo por trás dos conflitos do mundo real. A solução encontrada para o desfecho da narrativa é um reflexo das guerras do mundo real, pois faz uso da intervenção de terceiros (Ynari) para conciliar a situação, por intermédio de um acordo de paz. Em **A Caçada Real**, Zetho Gonçalves desenvolve, através da inserção do mundo animal, uma narrativa tipicamente humana acerca das relações de poder instituídas. O leão, alegórico soberano, explora seus súditos, dentre os quais, o burro, o qual desempenha o papel de aliado subserviente. A caçada arquitetada pelo rei leão é uma metáfora clara da realidade africana, e também, mundial, na qual aqueles que foram eleitos pela população com o objetivo de tratar de seus interesses e necessidades, ignoram suas responsabilidades,

em favor de seus próprios interesses e ambições.

Em ambas as narrativas, os enredos têm o intuito de despertar o senso político e o saber crítico no público infantil. E, com esta finalidade, utilizam de aspectos como a representatividade e a curiosidade dos leitores para a criação de um laço afetivo, pois torna-se uma via pela qual as críticas intrinsecamente inseridas serão absorvidas por aquele que lê. Entretanto, observamos direcionamentos diferentes quanto à elaboração da moral e as consequências que resultam do defeito de caráter do(s) antagonista(s). Ondjaki compõe a figura dos inimigos, em **Ynari: a menina das cinco tranças**, de maneira leve, acionando uma visão de esperança em relação à humanidade inserida em um ambiente em disputa. Ao retratar a guerra civil angolana, o autor não só lida de forma delicada acerca das relações amigáveis da personagem com seus pais, sua aldeia e seu novo amigo, mas evita a todo momento uma possível vilanização. Tal fato pode sofrer influência de origem familiar, profundamente envolvida com um dos partidos rivais (MPLA), como também, o cuidado com o público alvo de seus livros. Em contrapartida, Zetho Gonçalves enfatiza a figura de vilão em sua narrativa, utilizando da ganância e do interesse do rei para reforçar as características demonstradas pelos governantes atuais, uma vez não possuir vínculos tão expressivos com o governo vigente.

CONCLUSÕES:

Em síntese, a [des]invenção da figura do inimigo surge em resposta à necessidade da presença

de um ser capaz de implementar o momento de desordem na narrativa, opondo seus ideais aos do herói e/ou comportando-se de modo que não corresponda com as morais sociais estabelecidas. Explica-se em favor disto, a variedade de antagonistas que continuam a ser criados, possuindo diferentes fatores motivacionais. Ademais, para além de atributos pessoais, a escolha de um universo que contenha elementos “fora do real” para tratar de assuntos beligerantes corrobora para a extensa gama de possibilidades quanto à representação de eventos factuais e seus envolvidos. Por fim, a exploração da ludicidade contribui para a aprendizagem durante a infância, proporcionando o interesse pelo conhecimento histórico acerca do mundo em que vivemos (macro e micro) e a representatividade.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço à minha orientadora e cabeça deste projeto, Renata Flávia, pela oportunidade e ao CNPq, pela bolsa concedida.

REFERÊNCIAS:

- ECO, Umberto. **Construir o inimigo e outros escritos ocasionais**. Trad. Jorge Vaz de Carvalho. 1ª ed. Lisboa: Gradiva, 2011.
- GONÇALVES, Zetho. **A Caçada Real**. São Paulo: Matrix, 2011.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- ONDJAKI. **Ynari: a menina das cinco tranças**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René.
História de Angola. Lisboa: Tinta da China,
2013.



INTRODUÇÃO:

Com fundamentos na Crítica Marxista de Raymond Williams (1981) e Terry Eagleton (2011), a pesquisa tem por objetivo uma análise aprofundada do romance **O rio triste** (1982), do escritor e médico português Fernando Namora. Ademais, objetiva-se identificar, na obra literária, traços que revelem ou sugiram uma possível identificação de uma crítica ao Estado Novo em Portugal (1933 – 1974), bem como aos seus projetos ideológicos, que toma por base a configuração do espaço urbano e o desenho das personagens, elementos responsáveis por encenar o distanciamento e o esfriamento nas relações sociais. **O rio triste** é um romance que se desenrola em torno do desaparecimento de um trabalhador chamado Rodrigo dos Santos Abrantes. A obra apresenta uma diversidade de formas textuais, como cartas e notícias de jornais, e esses múltiplos discursos estruturam uma narrativa em retalhos. Portanto, esse projeto se debruça sobre a obra citada e o percurso literário de Fernando Namora a partir de seu ciclo de romances urbanos.

Linguística, Letras e Artes.

LITERATURA, ESPAÇO URBANO E IMAGINÁRIO: LEITURAS CRÍTICAS DO SALAZARISMO E DO COLONIALISMO.

Silvio Renato Jorge (orientador-UFF)

Lucas Chaves Gonçalves (bolsista IC-CNPq)

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/ Instituto de Letras

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na bibliografia levantada, supomos que uma tese de não pertencimento, de violência, memória e vida na cidade, mas essencialmente engajada politicamente permeia a obra. Suas personagens, as incongruências e distensões que afetam a forma como se relacionam, a multiplicidade discursiva e o descaso das instituições sobre o desaparecimento comprovam um retrato nebuloso, mas acertado de uma sociedade corporativista. No espaço urbano da obra observamos suas violências simbólicas e materiais, a memória do Estado Novo, a censura, a literatura, o amor, a solidão e os costumes – às vezes, reforçadores - de uma ideologia nacionalista. Os esforços de Fernando Namora na construção da obra literária demonstram um domínio das problemáticas estéticas e políticas de seu tempo. Ressaltamos, por exemplo, o trecho na obra: “O Tejo iria desaparecer” (Namora, p. 6); O trecho funciona como uma preparação de terreno para as metonímias do rio e as metáforas dos encontros, desencontros, tristezas e violências na obra. O Tejo, no entanto, não desapareceu.

O Tejo permanece, mas quem ousar contar suas histórias de barbárie e trazer à margem seus corpos, talvez tenha o mesmo destino da personagem Rodrigo.

Os chamados mitos do Império e da memória permeiam o discurso. O tempo diegético é o mesmo tempo histórico dos fluxos migratórios de portugueses para a França e da Guerra Colonial Portuguesa (1961 – 1974). Constatamos que a preocupação da mídia com os emigrantes portugueses na França, da forma que se revelam no romance, demonstra a resistência das ideologias nacionalistas no contexto histórico que se representa na diegese da narrativa. Há um esforço de ressaltar a ideia de “preservar o nosso emigrante da ação desnacionalizadora que sobre ele se pretende exercer e exerce [...]” (*ibid.*: p. 110). Há, ainda, de forma explícita o mote Salazarista: “[...] os três maiores sentimentos que podem enobrecer a alma humana: o amor de Deus, o amor da Pátria e o amor da Família.” (*ibid.*: p. 110). Observamos que essa construção no romance revela uma notória crítica em tons de reconstrução da memória traumática dos tempos Salazaristas em que a mídia, devidamente controlada, servia ao sensacionalismo e ao delírio coletivo em prol da sustentação das ideologias do Estado Novo e do resgate, também da memória colonial. **O rio triste**, portanto, é uma obra que expõe sintomaticamente os temas comuns desse tempo histórico do Estado Novo e da Guerra Colonial. A narrativa combina elementos cinematográficos e típicos do gênero romance, apresentando lapsos temporais que desafiam a linearidade dos fatos, mas

mantém a estrutura do gênero literário. A obra questiona sua própria natureza, expondo o cinismo do escritor moderno, enquanto retrata intelectuais como espíritos livres e insatisfeitos. Considerar o livro como parte de um “ciclo final” seria limitado, na verdade, consideramos que ele pode marcar o início de um “testamento” literário do autor.

CONCLUSÕES

O romance **O rio triste** de Fernando Namora é uma representação rica das contradições e descaso das instituições em uma sociedade configurada por uma ideologia fascista e conservadora. A obra aborda temas como a falta de sentido na vida, a impossibilidade de felicidade, a crise nos relacionamentos monogâmicos, a indiferença e a dor. Retrata, também, as violências simbólicas e materiais, como a prostituição e as brutalidades da Guerra Colonial, além de focar a busca incessante por histórias trágicas e o sensacionalismo midiático. Entendemos a narrativa na perspectiva de obra aberta com primazia da recepção pelo texto. A abordagem parcialmente cinematográfica na escrita contribui para a sensação de crise da memória e constrói, portanto, uma espécie de estética de verossimilhança.

REFERÊNCIAS:

- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- NAMORA, Fernando. **O rio triste**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1982.
- RIVETTI, U. **Marxismo, estruturalismo e análise literária**, de Raymond Williams.

Plural, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 195-216,
2014. Disponível em:
[https://www.revistas.usp.br/plural/article
/view/83628](https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/83628). Acesso em: 7 set. 2023.



Linguística, Letras e Artes

Tradução de história em quadrinhos: Chico Bento na Roma Antiga

Anna Clara Gonçalves Dias Barbosa

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas / Instituto de Letras / Laboratório de Estudos Clássicos – LEC-UFF

INTRODUÇÃO:

As HQs são um gênero que cada vez mais vem crescendo no cenário mundial. No Brasil, as HQs se estabelecem em um mercado altamente propício e produtivo. O aumento no consumo e comercialização das HQs no Brasil vem gerando, pois, uma “mudança de status dos quadrinhos que os aproximam do status da literatura” (ASSIS, 2016), aliado tanto a uma maior produção de discussões críticas sobre os quadrinhos quanto à uma defesa da designação desses como uma espécie de linguagem “autônoma”, que possui suas próprias características e particularidades e, portanto, digna como um “objeto de pesquisa relevante”.

Nessa esteira, o projeto “Tradução de história em quadrinhos: Chico Bento na Roma Antiga” vem contribuir com os estudos de HQs, com o enfoque em sua tradução. Esse projeto visa a contribuir com a expansão dos Estudos de Tradução de HQs, além de, também, vir a incrementar o arcabouço dos estudos relativos à Recepção Clássica.

A finalidade dessa pesquisa é propor a tradução para a língua latina de uma história em quadrinhos, em português, da Turma da Mônica, *O Galodador*, publicada em 2006. O enredo,

que se passa no ano de 180 d.C. ambientado no Império Romano, é uma paródia do filme *Gladiador*, de Ridley Scott (2000). Uma vez que a história se passa na Roma Antiga, verter o texto para o latim amplifica seu potencial gerador de interesse. Nada mais justo do que vermos “Chicus Bentus” falando em latim.

Tendo se passado exatamente um ano de projeto (2022-2023), pretendemos, com essa apresentação de trabalho, apresentar os resultados que alcançamos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Fundamentais, entre outros, foram ASSIS (2016), MONTEIRO & SANTANA (2020) e PIMENTEL (2018) que orientaram os primeiros estudos as particularidades das HQs (balão, legendas, oralidade e letramento), promovendo um certo grau de “alfabetização em matéria de quadrinhos” (VERGUEIRO, 2006 *apud* MONTEIRO e SANTANA, 2020, p. 81) e um melhor conhecimento técnico sobre o “universo com o qual se trabalha” (PIMENTEL, 2018, p. 43); e também sobre a sua tradução, fornecendo bases teóricas e a visão de outros autores (Zanettin; Vigna; Mayoral, Kelly & Gallardo; e Kaidl) e algumas considerações,

como dicas de tradução e alguns erros que comumente são cometidos por tradutores, além de reflexões sobre o *habitus* do tradutor de quadrinhos e suas responsabilidades.

Foram produzidos também documentos auxiliares de tradução, a contar, tabelas de transcrição e tradução dos textos dos balões e recordatórios da HQ, onde, a princípio, se registraram possibilidades tradutórias, até atingir a versão final que entraria para as páginas dos quadrinhos. Abaixo apresentamos uma amostra de uma página finalizada, pertencente à primeira parte da historinha d' *O Galodador*.



Imagem 1: Imagem da pág. 3

CONCLUSÕES:

Nesta pesquisa, aprendeu-se muito com as leituras e os fichamentos recomendados para análise. Foram essas leituras, pois, fundamentais para a consolidação de uma abordagem mais direcionada e mais sistematizada do processo de tradução.

Além disso, foram observadas de perto as dificuldades no próprio processo tradutório. Os trocadilhos, as piadas linguísticas e metalinguísticas, os traços de fala (o “caipirês”, por exemplo) os elementos de cultura (como as armas utilizadas pelos gladiadores), tudo isso se apresentou como fator de complexificação, tornando necessárias maiores pesquisas e consultas e, conseqüentemente, de mais tempo para a finalização da tradução de uma página da HQ.

Devido a tais dificuldades, a empreitada de se traduzir a historinha d' *O Galodador* inteira em um ano não se concretizou nesse momento. Traduziram-se efetivamente 16 das 35 páginas totais da HQ, apenas a primeira parte (de duas).

Embora os dados aqui apresentados correspondam aos resultados e conclusões finais da pesquisa de um ano, este não é, no entanto, seu fim. Mediante nova solicitação e aprovação, o projeto ganha mais um ano para desenvolver a sua pesquisa, que se encontra ainda em processo.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço ao meu marido Lucas Kohn por desde o início ter me apoiado nessa jornada; aos meus sogros por celebrarem comigo minhas conquistas; à mestra Maria Clara Machado que, mesmo sem saber, inspirou

esta proposta de tradução, com os seus estudos sobre a adaptação da *Odisseia* para HQ; à professora Renata Cazarini, que indicou os quadrinhos da Turma da Mônica como material a ser traduzido; às amigas “Gabis” (Gabriela Gonsalves e Gabriela Silveira), as primeiras a darem força ao meu projeto, quando ele estava ainda “nascendo”; e ao professor Beethoven Alvarez, pelo voto de confiança e acolhimento à ideia desse projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIS, Érico Gonçalves de. Especificidades da tradução de histórias em quadrinhos: abordagem inicial. **TradTerm**, São Paulo, v. 27, pp. 15-37, set. 2016.

MONTEIRO, M.; SANTANA, R. **Não está no gibi**: a influência das especificidades da HQ sobre o processo tradutório. Brasília, 2020. pp. 79-182. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras-Tradução Inglês) – Universidade de Brasília.

PIMENTEL, Carol. **Tradução de histórias em quadrinhos**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Transitiva, 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2017.



Grande área: Linguística, Letras e Artes

Título do Projeto: Tradução e estudo de textos de comédia grega antiga: elaboração de uma metodologia

Autores: Vanusa de Souza Freitas Soares/Greice Drumond

Departamento/Unidade/Laboratório: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/Instituto de Letras/Laboratório de Estudos Clássicos da UFF

INTRODUÇÃO:

A investigação realizada, durante o período vigente desta pesquisa de iniciação, propõe o estudo de diferentes abordagens metodológicas na área de Estudos da Tradução, visando a elaboração de um caminho tradutológico de textos da Antiguidade clássica, mais especificamente, de peças de comédia de Aristófanes, compostas em grego antigo, na segunda metade do séc. V e início do séc. IV a. C.

O primeiro questionamento a surgir, quando pensamos sobre a necessidade de elaborar uma metodologia de tradução de textos datados do período antigo, é o motivo que levaria a contemporaneidade ao consumo desse tipo de material. Para alguns, pode soar absurdo considerar que há pessoas que, atualmente, ocupam seu tempo no estudo de textos de origens tão remotas no espaço e no tempo. Para solucionar esse impasse, retomamos o texto *Por que ler os clássicos* de Ítalo Calvino (2007), obra que passeia pelos tidos clássicos da literatura universal que ficaram cristalizados no nosso imaginário social.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Que existe um problema e uma série de divergências acerca do método e dos objetivos a serem alcançados nos trabalhos de tradução, isso já está claro. Por outro lado, no âmbito da tradução de textos dramáticos, isto é, aqueles compostos para a encenação, o debate é ainda mais acalorado.

Como os textos que constituem o interesse desta pesquisa foram, originalmente, compostos para o teatro, o primeiro contato do seu público-alvo, o povo ateniense e de cidades vizinhas, com as peças aristofônicas não foi pelo intermédio de um texto escrito, mas pela *performance* cênica. Ainda que hoje, geralmente, o primeiro contato que temos com esse material oriundo da Antiguidade, seja pela escrita, a obra teatral de Aristófanes chega ao público pelo espetáculo (PAVIS, 1985). E, sendo um texto *espetacular* (PAVIS, 2008), na transmissão do palco para o papel, é indiscutível que a obra original do poeta-encenador sofre interferências, que, por sua vez, impedem a recuperação totalizante do que foi encenado. Além disso, muito mais é perdido também no movimento de translação da língua-fonte à língua de chegada, sobretudo na comédia que, invariavelmente, para ter seu efeito catártico alcançado, necessita da intervenção direta do

público através do riso que é a resposta e o expurgo daquilo que é presente em um corpo social (BERGSON, 1924).

Por conta disso, objetivamos, com esta pesquisa, a formulação de uma metodologia de tradução que aprimore o uso do conhecimento de língua grega antiga para ampliar a perspectiva didática centrada na análise sistêmica de estruturas morfossintáticas, conduzindo a uma melhor compreensão dos textos de comédia, observando-se que, apesar de terem sido transmitidas na forma escrita, as peças de comédia eram compostas para serem encenadas.

CONCLUSÕES:

O que se o que se propõe com esta pesquisa é uma contribuição inovadora na área dos Estudos Clássicos, visto que, como afirma Flores (2011, p.108), as atividades de tradução nesse meio têm sido exercidas com um caráter filológico, sendo sua produção lida somente por especialistas.

Mesmo havendo um grupo de tradutores, como Trajano Vieira e Tadeu Andrade, que apresentam uma tradução estritamente poética dos textos, atinge-se ainda um público pequeno. Além disso, ainda segundo Flores (2011, p.108), esses textos produzidos em forma de poema na língua-alvo não são trabalhados nas salas de aula por conterem “desvios” do texto-fonte, já que, ao tentarem reproduzir o aspecto sonoro dos versos e a forma como o autor compõe o texto-fonte, há necessidade de se adicionar ou subtrair conteúdos na passagem para a língua-alvo. Por isso, foi nosso propósito tentar estabelecer um

caminho tradutório intermediário entre a tradução poética e a filológica para que nosso material pudesse ser acessado também em sala de aula nos cursos de língua grega antiga.

AGRADECIMENTOS:

À minha família, colegas e à minha orientadora Prof^a Greice Drumond.



LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

TRADUZIR A VIAGEM: LITERATURA, SUBJETIVIDADE E DESLOCAMENTO NOS DIÁRIOS DE FRANZ KAFKA

ANNE KAROLINE BIANQUE VIANNA; SUSANA KAMPPF LAGES (ORIENTADORA)

DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS

INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se no projeto de pesquisa da orientadora, *Traduzir a viagem: Literatura, subjetividade e deslocamento nos diários de Franz Kafka*. A discente realizou uma análise comparativa entre as narrativas *O processo*, de Franz Kafka e *A pianista*, de Elfriede Jelinek. O objetivo da pesquisa foi encontrar e refletir sobre pontos de contato nos textos analisados. As semelhanças não se limitam apenas ao uso da variante austríaca língua alemã compartilhada por ambos os autores, mas também no estabelecimento de uma evidente relação de duplicidade literária.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nossa análise comparativa entre as obras *O processo* e *A pianista* de Kafka e Jelinek, respectivamente, identificou oito tópicos de diálogo entre as duas narrativas: a) o processo de inconsciência e dilaceramento dos personagens; b) submissão à forças incompreensíveis e tiranas; c) impotência do eu; d) incomunicabilidade dos indivíduos como resultado das violências sofridas; e) sacrifício/auto-sacrifício; f) tentativas vãs de rebeldia; g) ausência de soluções positivas; h) comicidade e sarcasmo.

Luis S. Krausz (2011) aponta que Kafka e Jelinek dedicam um espaço especial em seus trabalhos para o tratamento de assuntos como a inconsciência, submissão absoluta a forças incompreensíveis e a tirania. Os escritos de

Kafka, em sua estrutura fragmentária e com sua sintaxe corrosiva, figuram a impotência do ser humano diante de inexplicadas tiranias; Jelinek, por sua vez, escolhe personagens mulheres que insere em contextos sociais que objetificam e desprezam tudo o que é da ordem do feminino, um aspecto que personagens femininas das narrativas kafkianas já denunciavam. Neste sentido, as personagens de Kafka e Jelinek se deparam constantemente com poderes e arbítrios que sumariamente operam para dilacerar os indivíduos e extinguir o eu, seja de forma por assim dizer física, ou literal, como ocorre com Joseph K., em *O Processo*, seja de forma simbólica, como é o caso de Érika K., em *A pianista*. A inconsciência dos personagens bem como a sua submissão a forças incompreensíveis e tiranas, provocam consequências que se repetem tanto em Joseph K., quanto em Érika K.; como podemos notar nos aspectos da impotência do eu, da incomunicabilidade, do sacrifício/auto-sacrifício, nas tentativas vãs de rebeldia e em desfechos que negam qualquer tipo de solução positiva. Os tópicos ressaltados anteriormente são mais evidentes, pois aparecem de forma mais contundente nas obras examinadas. De outra forma, detectamos a presença de um tópico que não se revela imediatamente para os leitores e críticos de Kafka e Jelinek. Há na obra de ambos, uma mordaz comicidade, que em um primeiro momento não é identificada e compreendida. Ruth Bohunovsky (2020, p.129 -130) comenta que a faceta cômica de Jelinek tem sido negligenciada ou mesmo negada devido ao fato

da autora expressar um enorme pessimismo em relação ao mundo e à humanidade, bem como associar temáticas austeras, como o nazismo e o papel da mulher na sociedade, ao cômico. Susana Kampff Lages (2004, p. 291) argumenta que o humor aparece na obra de Kafka em vários níveis, e vai da mais fina ironia, seja em jogos de frases e palavras, até o grotesco extremo, zombando de forma exagerada de papéis sociais e instituições. Em *O processo*, podemos verificar uma forte zombaria em relação aos tribunais e seus trâmites judiciais, da mesma forma em que os agentes da justiça, como juizes são ridicularizados e associados a uma sujeira moral que se expressa através da descrição de ambientes insólitos, exagerados e ridículos.

CONCLUSÕES

A análise comparativa entre as narrativas de Franz Kafka e Elfriede Jelinek nos permitiu encontrar semelhanças que ultrapassam o uso comum da língua alemã austríaca. Observamos que ocorre um intenso processo de interlocução, de forma que uma obra se constrói a partir da leitura, destruição e reconstrução de outra. A partir desse espelhamento entre duplos literários, identificamos pontos de contato e diálogo entre os textos, que se desdobram e refletem conteúdos sociais e políticos. Os tópicos detectados não aparecem de forma acidental, mas possuem um propósito claro para a construção de efeitos de sentido. Parte dos elementos verificados é percebida de forma mais evidente, pois apresenta-se de forma mais categórica, como as categorias da inconsciência, tirania e submissão. De outro modo, notamos também a presença do aspecto da comicidade, o qual costuma ser ignorado pela crítica literária em relação a ambos os autores. Contudo, o cômico e a ironia, sem dúvida, fazem parte do universo kafkiano e jelinekiano, e exercem uma função de

escancaramento e ridicularização dos absurdos e opressões socialmente aceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BOHUNOVSKY, R. "Em caso de dúvida, sempre cômico!" : o teatro de Elfriede Jelinek. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, v. 23, n. 39, p. 128-157, 2020
- KRAUSZ, L. S. A arte da infelicidade: *A Pianista*, de Elfriede Jelinek, entre tradição e *mass-media*. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, n. 17, p. 87-102, 2011.
- LAGES, S. K. Das (im)possibilidades de traduzir Kafka. IN: KAFKA, F. **O desaparecido ou Amerika**. São Paulo: Ed. 34, 2004, p. 271-292

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao PIBIC/CNPq e à UFF pela bolsa concedida.

